



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

Teorias Contemporâneas e o paradigma social na esfera da Ciência da Informação

Contemporary theories and the social paradigm in the sphere of Information Science

Mayte Luanna Dias de Melo - Universidade Federal da Paraíba

Maria das Graças Targino - Universidade Federal da Paraíba

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O *paper* em foco objetiva analisar o caminho percorrido quanto às formas investigativas da área da Ciência da Informação, frente aos desafios contemporâneos decorrentes da nova sociedade em rede. É a necessidade de refletir em torno do novo contexto global, evidenciando as teorias contemporâneas desenvolvidas conforme o paradigma social no referido campo de conhecimento. Tais teorias estão diretamente relacionadas às subáreas que permeiam o campo da Ciência da Informação, tal como proposto por Carlos Alberto Ávila Araújo. São elas: Comunicação Científica; Representação da Informação (organização do conhecimento); Estudo de Usuários (estudo sobre os sujeitos); Gestão da Informação e do Conhecimento; Economia Política da Informação; Estudos Métricos da Informação; Memória, Patrimônio e Documento, esta última, vertente relativamente nova que vem se delineando e se consolidando nas últimas décadas. Como decorrência do exposto, o estudo posiciona-se como pesquisa bibliográfica, quando avalia o *status quo* das teorias vigentes no campo da Ciência da Informação a partir das publicações científicas em circulação. Os resultados advindos da discussão teórica ponderam, em termos gerais, que algumas propostas atuais de estudo, por mais parecidas que sejam com as da época fundacional da área, coabitam com outras, sobretudo a partir do avanço das tecnologias, percebendo novos questionamentos, relativos, ao atual contexto social, cultural, político e econômico voltado para a forma como as pessoas produzem, disseminam, organizam, preservam e usam a informação.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Teorias Contemporâneas; Paradigma Social.

Abstract: *The paper in focus aims to analyze the path taken in the investigative forms of the area of Information Science, facing the contemporary challenges arising from the new network society. It is the need to reflect around the new global context, highlighting the contemporary theories developed according to the social paradigm in the referred field of knowledge. Such theories are directly related to the subareas that permeate the field of Information Science, as proposed by Carlos Alberto Ávila Araújo. They are: Scientific Communication; Information Representation (knowledge organization); Users Study (study on the subjects); Information and Knowledge Management; Political Economy of Information; Metric Studies of Information; Memory, Heritage and Document, the latter, relatively new strand that has been delineating and consolidating in recent decades. As a result of the above, the study positions itself as a bibliographic research, when it evaluates the status quo of the theories prevailing in the field of Information Science from the circulating scientific publications. The results from the theoretical discussion consider, in general terms, that some current study proposals, as similar as those of the foundational age of the area, cohabit with others, especially from the advancement of technologies, perceiving new, relative, questions. to the current social, cultural, political, and economic context of how people produce, disseminate, organize, preserve, and use information.*

Keywords: Information Science; Contemporary Theories; Social Paradigm.

1 INTRODUÇÃO

A informação, em sua condição de objeto, possui autonomia em relação a diversas áreas, sobretudo, em se tratando da Ciência da Informação (CI) da qual é objeto central de estudo, evidenciando-se mudanças significativas advindas do advento e da ascensão das inovações tecnológicas digitais e do conseqüente surgimento da sociedade em rede. Diante das transmutações tecnológicas que se dão com rapidez e que provocam profundos e diversificados impactos na esfera social, política, econômica e cultural, a informação passa a ser percebida como um dos (se não o principal) elementos emancipatórios dos cidadãos da sociedade contemporânea, a qual é, agora, reconhecida com diferentes denominações, tais como sociedade da informação e sociedade da aprendizagem.

Diante do *status quo* da contemporaneidade, Dal'Evedove e Fujita (2009) propõem reflexão em torno da interface existente entre CI e Sociologia, visando ao fortalecimento das bases sociais da área. Isto porque, a natureza social da CI parece ter perdido sua essência impedindo, portanto, a compreensão plena do fenômeno do conhecimento. Transcorridos 10 anos do alerta desses teóricos, é vital analisar o caminho percorrido quanto às novas formas investigativas do campo em foco frente aos desafios que caminham paralelamente à chamada sociedade em rede. Quer dizer, a comunicação em pauta surge da necessidade de se refletir em torno do novo contexto em suas diferentes facetas, com o intuito de evidenciar as teorias contemporâneas desenvolvidas mediante o paradigma social no âmbito da Ciência da Informação.

Tais teorias estão diretamente relacionadas às subáreas que permeiam o campo da Ciência da Informação, tal como propostas por Araújo (2018). São elas: Comunicação Científica; Representação da Informação (organização do conhecimento); Estudo de Usuários (estudo sobre os sujeitos); Gestão da Informação e do Conhecimento; Economia Política da Informação; Estudos Métricos da Informação; Memória, Patrimônio e Documento, esta última, vertente relativamente nova, que vem se delineando e se consolidando nas últimas décadas.

Assim sendo, parece evidente que o estudo ora relatado posiciona-se como pesquisa bibliográfica, uma vez que avalia o *status quo* das teorias vigentes no campo da Ciência da Informação a partir das publicações científicas em circulação.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONTEXTOS E CONDIÇÕES

Como antevisto, a Ciência da Informação vivencia um processo de transição entre os distintos paradigmas emergentes, a modernidade e a contemporaneidade. Segundo a literatura vigente sobre a temática que contempla a CI em seus contextos e condições, a grande área vem seguindo passo evolutivo similar ao de muitos outros campos interdisciplinares, cuja origem reside no bojo da revolução científica e técnica, que perdura até o final da Segunda Guerra Mundial, 1945, e se inicia com a Guerra Fria. Esta nomeia o período histórico de competição acirrada, disputas estratégicas e conflitos indiretos de ordem política, militar, tecnológica e econômica entre os Estados Unidos da América (EUA) e a extinção da União Soviética, ano 1991. As duas potências lutam pela hegemonia mundial, o que posiciona o avanço científico e tecnológico como basilar, e, portanto, a informação assume papel de elemento indispensável e estratégico.

Informação passou a ser entendida, assim, como um recurso, uma condição de produtividade. Cientistas precisavam de informação com rapidez, com qualidade, com exatidão. Gastava-se tempo precioso na busca de informação, ou tinha-se desperdício de tempo na obtenção de informação irrelevante ou de baixa qualidade. Mas ainda, atraso na produção por não se ter acesso à informação adequada ou relevante em determinado momento (ARAÚJO, 2018, p.19).

Dizendo de outra forma, a CI surge com o propósito de amenizar e/ou solucionar os problemas informacionais vinculados, sobremaneira, aos serviços relacionados com os então já intensos fluxos informacionais. Para o autor supracitado, a fundamentação da nova disciplina é urgente e necessária. Assim, nos anos 60 (século XX), alguns pesquisadores da área adotam a teoria matemática da comunicação e a ela incorporam alguns elementos da teoria sistêmica. Criada por Shannon e Weaver, a teoria matemática da comunicação, publicada em 1949, prioriza os problemas técnicos relacionados à transmissão de mensagens, considerando, por conseguinte, tão somente os aspectos fisicamente observáveis e mensuráveis da informação. Na visão de Araújo (2018, p. 22), a consequência mais visível quando se dá a adoção dessa teoria é o fato de que a CI, de forma direta ou indireta, termina por excluir “[...] do conceito de informação, suas dimensões de significação e de relação social, descartando a subjetividade e a contingência como elementos componentes da informação.”

Transcorridos 50 longos anos, é evidente que a explosão informacional da fase posterior à Segunda Guerra Mundial não se compara com a revolução causada pela expansão das tecnologias de informação e de comunicação (TIC), notadamente, a partir do início do século XXI. Isto é, concepção, práticas e o rumo da CI dos dias de hoje diferem bastante dos primórdios da área, há cinco décadas. Algumas propostas atuais de estudo, por mais parecidas que sejam com as de sua época fundacional, coexistem com outras, pois o avanço das tecnologias, ao tempo em que trouxe alívio para problemas de natureza distinta em qualquer segmento da vida do homem contemporâneo, trouxe consigo novos questionamentos, relativos, sobretudo, a questões sociais, culturais, políticas e econômicas voltadas para a forma como as pessoas produzem, disseminam, organizam, preservam e usam a informação (ARAÚJO, 2018).

Diante dos desafios postos, técnicas, práticas, modelos e teorias da CI passam a enfrentar certas dificuldades em seu sustentáculo, de tal forma que teóricos da área empreendem tentativas inovadoras com o intuito de estabelecer definição sólida para o campo. A este respeito, Wersig (1993, p. 235, tradução nossa) afirma:

Nosso principal problema seria que nosso campo de estudo tem sido objeto de muitas disciplinas fragmentadas e, portanto, temos que lidar com todos esses itens fragmentados de uma natureza empírica ou teórica. A necessidade básica é conseguir uma visão integradora do campo.

Pinheiro e Loureiro (1995) também destacam a fragilidade teórico-conceitual da CI em consequência da ausência de um corpo teórico definido ou capaz de delinear seu campo de atuação. Dez anos após, Oliveira (2005) acrescenta:

[...] a Ciência da Informação é um campo científico recente, e, portanto, ainda em construção. Cada disciplina científica possui conceitos e teorias consistentes, reconhecidas e partilhadas por sua comunidade. Com cerca de 30 anos de existência, a Ciência da Informação não conta, ainda com uma construção teórica que integre todos os seus conceitos e práticas. Por isso, opera baseando-se em construções teóricas mais ou menos fragmentadas.

Logo, a CI figura como um campo em construção que busca estabelecer sua autonomia, a partir de relações e somas com outros campos do conhecimento ou disciplinas em diferentes perspectivas interdisciplinares, o que demanda revisão constante de seus

fundamentos. Corroborando essa transcrição literal, Dal'Evedove e Fujita (2009, p. 152) também discutem a dificuldade da área em estabelecer seu próprio desenho disciplinar:

Considerando-se inicialmente que a Ciência da Informação se apresenta ainda como uma “jovem” ciência, ainda existem, utilizando a linguagem da Sociologia, zonas de tensão a serem resolvidas ou pelo menos amenizadas. Este cenário justifica-se pelas divergências existentes entre os pesquisadores da área, sendo alguns dos exemplos dessa falta de consenso: definição do que é informação, do que é Ciência da Informação, do real objeto de estudo da área, entre outros.

Afinal, a área em pauta é permeada por zonas de tensão decorrentes de fatores distintos, dentre os quais estão: multiplicidade das áreas originais dos pesquisadores que ora integram a CI; a definição clara e inequívoca do objeto de estudo; os impasses quanto ao entendimento do que é a informação. Complementando, Souza (2011, p. 285) acresce que, por muito mais tempo (não previsível), o campo informacional será espaço tenso e pleno de “[...] discussões e domínios de poder, mesmo que simulados em cooperações interdisciplinares [...] porque ele abarca questões informacionais que correspondem à centralidade da nova conformação social.”

3 ASCENSÃO DO PARADIGMA SOCIAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Autores, a exemplo de Capurro (2003); Fernández Molina e Moya-Anegón (2002); e Ørom (2000) vêm se interessando em estudar a conformação disciplinar da CI por meio dos paradigmas vigentes. Para tanto, até hoje é recorrente a concepção tradicional de Thomas Kuhn (2006, p. 13), para quem paradigmas são, em sua essência, “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.” Refere-se, pois, a paradigmas como modelos universalmente reconhecidos por membros de determinada coletividade científica a fim de solucionar problemas que afetam o dia a dia da população. Como decorrência, os paradigmas integram compromissos conceituais, teóricos, metodológicos e instrumentais compartilhados. São eles que permitem ao cientista aderir a uma determinada comunidade científica, uma vez que lhe permitem assimilar os esquemas conceituais daquela especialidade e/ou área. É justamente essa educação formal que lhe permitirá internalizar pressupostos e compartilhá-los em sua prática profissional.

Na visão de Ørom (2000), a CI mantém um pré-paradigma, qual seja, a biblioteca como instituição social, além de três paradigmas que perfazem a conformação do campo. O primeiro, o físico, teve início na década de 50, século XX, mediante os testes de Cranfield, quando a informação é percebida a partir de visão imune aos processos cognitivos e sociais. O objeto de estudo, aqui, centra-se na recuperação da informação e está atrelado à dimensão processual que corresponde ao “transporte” de mensagens.

Os testes de Cranfield estabelecem um marco na história da recuperação da informação, ao fornecerem embasamento teórico para o avanço desta disciplina. Segundo Oliveira (2005, p. 67),

Os procedimentos metodológicos adotados nos testes de Cranfield, com testes de sistemas de indexação, controlados em laboratório usando-se coleções-testes, constituídas de um conjunto de documentos e submetidas a perguntas de busca, e acompanhados de pressupostos relativos às características do ambiente em que o sistema de recuperação da informação operava formaram uma tradição de *design* e testes de SRIs.

Para a autora, tais pressupostos constituem modelo de comportamento de busca de informação, que fica conhecido como modelo de recuperação da informação.

Na visão de Ørom (2000), o segundo paradigma é, essencialmente, cognitivo. Trata de abordagens qualitativas da interação das pessoas com sistemas de informação, tomando como referência um modelo relativista, segundo o qual o conhecimento é imposto por fatores cognitivos em detrimento dos aspectos sociais. O terceiro paradigma, por sua vez, prioriza a conjunção entre as duas dimensões anteriores, levando em conta a inserção da transmissão de mensagens e a construção cognitiva de sentido nos contextos sociais, ou seja, através da cultura e realidade, incluindo as relações estruturais do sistema semiótico.

Os espanhóis Fernández Molina e Moya-Anegón (2002) também propõem três modelos de estudos. O modelo positivista enfatiza a abordagem fisicista da informação como objeto mensurável, neutro e universal para fim de estudos laboratoriais. As demandas de informação são vistas como estáveis e invariáveis e os processos de busca possuem perspectiva determinista e não interativa. O segundo modelo, o cognitivo, está impregnado por uma abordagem mentalista, e, então, incorpora a totalidade do comportamento humano, o que o transmuta em essencialmente subjetivo, até porque apregoa que a realidade se estabelece via processos mentais individuais. O terceiro modelo, o sociológico,

tem como precedente a epistemologia social de Jesse Shera da década de 60, século XX, priorizando estudos direcionados às relações entre coletividades e sua produção de conhecimentos, o que significa valorizar o contexto social, graças a duas abordagens: hermenêutica e análise de domínio. A hermenêutica corresponde a um domínio da filosofia, que analisa a teoria da interpretação e se refere tanto à arte da interpretação quanto à prática e ao treino de interpretação. Já a análise de domínio é o processo pelo qual a informação utilizada para o desenvolvimento de *software* é caracterizada, capturada e organizada para que seja reutilizável para criação de novos sistemas. Segundo Dias (2015, p. 7), figura como importante processo para identificar objetos, processos e suas relações para a construção de “[...] vocabulário de um determinado domínio que, pode ser usado tanto para as atividades de organização, quanto de recuperação da informação e do conhecimento.”

Indo além, Capurro (2003) traz à tona três paradigmas diferentes, os quais nem se excluem nem se extinguem no processo histórico da área, a saber: paradigma físico, paradigma cognitivo e paradigma social. Estes pautam-se em posturas teórico-metodológicas também distintas, e, como decorrência, mantêm uma epistemologia plural.

Minha tese é que a Ciência da Informação nasce em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social ou, para tomar um famoso conceito cunhado por Jesse Shera e sua colaboradora Margaret Egan em meados do século passado [...] e analisado em profundidade por Alvin Goldman [...], por uma “epistemologia social” [...], mas agora de corte tecnológico digital (CAPURRO, 2003).

Para o autor, a CI nasce sob o prisma do paradigma físico e emerge com o paradigma cognitivo marcado pelos três mundos de Karl Popper, para quem a informação altera, sempre, as estruturas de conhecimento de um sujeito que se relaciona com dados ou documentos. O mundo 1 refere-se aos objetos físicos exteriores, como terra, água, árvores e animais. O mundo 2 relaciona-se com eventos mentais, enquanto o mundo 3 é aquele dos produtos da mente humana, as teorias, as hipóteses, os problemas não resolvidos e argumentos, ou seja, o mundo do conhecimento objetivo.

Trata-se da ascensão um paradigma voltado para os contextos sociais dos fenômenos informacionais, e que, assim sendo, busca inserir o sujeito nas conjunturas de vida e atuação em nítida perspectiva fenomenológica.

É inquestionável que um dos traços marcantes das ciências humanas e sociais é, exatamente, a convivência com modelos teóricos variados e distintos, com a ressalva de que nenhum deles possui domínio completo da realidade, dos contextos, das ações e do comportamento dos sujeitos. Entretanto, a bem da verdade, no decorrer do avanço da Ciência da Informação, vê-se a ascensão de um paradigma social direcionado a um olhar mais atento frente à complexidade de fenômenos e elementos informacionais no sentido nem sempre explícito de incorporar a informação na constituição social e/ou nos contextos socioculturais reais. Então, restam algumas questões, cujas respostas não são nem serão unívocas ou inquestionáveis: que tendências contemporâneas são essas? Quais as interfaces sociais da Ciência da Informação?

4 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E INTERFACES SOCIAIS: TEORIAS CONTEMPORÂNEAS

Os primeiros estudos da Ciência da Informação como ciência social datam dos anos 70, quando, segundo Cardoso (1996), a preocupação com o comportamento do usuário redireciona o enfoque da área, levando-a a manter diálogo efetivo com outros campos das ciências humanas e sociais aplicadas. Já para Cronin (2008), a *International Conference on Conceptions of Library and Information Science* (CoLIS), Finlândia, 1991, marca “virada sociológica” na CI.

Todavia, há muitos exemplos que também podem ser mencionados tais como, os estudos da Escola de Chicago nos anos 1930 e 1940; a teoria social da Digvijaiia proposta por Rangnathan nos anos 1930; a Epistemologia Social de Jesse Shera dos anos 1950 e 1960; a teoria crítica da Black Librarianship nos anos 1970; o marxismo da teoria da informação em Robert Estivals (co-fundador da CI na França); a teoria feminista da organização do conhecimento em Hope Olson nos anos 1980, entre outros.

Ademais, uma das últimas constatações quanto à compreensão dos fenômenos informacionais que Araújo (2018) estabelece é a de que a noção abalizada de informação não corresponde apenas à transferência de dados. Trata-se, sim, de um processo por meio do qual cultura, memória coletiva, identidades e linhas de ação dos sujeitos são construídas. Esses aspectos caracterizam o que alguns teóricos chamam de

[...] “virada sociológica”, “paradigma social” ou modelo “sociocultural” (CAPURRO, HJORLAND, 2007; CRONIN, 2008; HJORLAND, 2002; 2014) e, embora não tenham conduzido a um novo modelo geral de estudos da informação, a substituir aquele dos anos 1960, evidenciam cada vez mais o caráter complexo dos fenômenos informacionais, apontando para certo esgotamento tanto do modelo explicativo fisicista hegemônico da década de 1960 quanto de sua continuidade via modelo cognitivo (ARAÚJO, 2018, p. 93).

Para o autor, as teorias contemporâneas coexistem com os modelos fisicista e cognitivo do decênio de 60 (século XX), mas devido à complexidade dos fenômenos informacionais, tais modelos não são mais hegemônicos. Emergem novas realidades, as quais demandam novos paradigmas para explicá-las, a exemplo, dos paradigmas de cunho social, antes citados.

Na área de produção e Comunicação Científica, por exemplo, segundo Araújo (2018), há, no momento, conceito fundamental – a noção de rede. É ela advinda de estudos sociológicos, sobretudo, da teoria ator-rede (TAR) de Latour. Esta é uma corrente de pesquisa em teoria social com objetivo de explicar o nascimento dos fatos científicos. Aborda a sociologia das associações, da tradução, a cinesia entre seres e coisas e relaciona sociedade, ator e rede. A TAR sofre influências das potencialidades resultantes das TIC, que, de uma forma ou de outra, em que pesem as críticas a elas dirigidas, propiciam atividades colaborativas entre pesquisadores. A CI busca aliar políticas de ciência e tecnologia (C&T) com questões culturais e econômicas de informação. Há, de fato, um leque de tendências que analisam os impactos das tecnologias digitais nos fluxos de informação científica, incorporando o conceito de *e-science* (alude a métodos de obtenção de resultados científicos via adoção de computação intensiva, usualmente paralela, ou de grande volume de dados) e, ainda, a chance de reuso do conhecimento científico.

Dentre as iniciativas, destacam-se os movimentos em prol do acesso livre e da curadoria digital. O primeiro diz respeito às políticas de maximização e à visibilidade crescente das pesquisas, conduzindo à internacionalização da informação científica e tecnológica por meio de compartilhamento mais amplo dos conhecimentos recém-gerados, o que reduz em grande escala, na visão de Kuramoto (2007), exclusão e desigualdades sociais. A curadoria digital, por seu turno, na opinião de Araújo (2018), atrela-se ao campo de atividade profissional que estuda seleção, preservação, manutenção, coleção e

arquivamento de dados digitais visando à criação de repositórios e plataformas digitais participativas. A este respeito, Machado e Vianna (2016) acrescentam que ela se articula com o uso e a preservação em relação ao meio digital, com o intuito de reutilização de dados autênticos e de outros ativos digitais, reforçando que a tendência crescente da adoção de repositórios digitais constitui exemplo por excelência de aplicações nesse campo de estudo.

Quanto à área de representação e organização da informação, registram-se novos padrões de codificação, vocabulários controlados e ontologias. Há também estudos voltados à websemântica, como o desenvolvido por Santarém Segundo e Coneglian e Lucas (2016); à classificação facetada (BROUGHTON, 2006) e às folksonomias (CATARINO; BAPTISTA, 2009). Outra tendência é a construção de sistemas de classificação voltados para a perspectiva sociocultural, considerando as características das comunidades via estudos de análise de domínio (GUIMARÃES, 2015) e de informação e semiótica (ALMEIDA; FUJITA; REIS, 2013).

Quanto aos estudos sobre os sujeitos, Araújo (2018) assegura que, nos últimos tempos, há enfoques mais interpretativos das práticas dos usuários. A teoria de mediação da informação, por exemplo, na visão de Almeida Júnior (2009), assume natureza mais dialógica face às influências do educador brasileiro Paulo Freire. Em consonância com Marteleto (2010), a noção de apropriação converte-se em categoria analítica estritamente ligada à informação, além do fato de Brizola e Romeiro (2018) desenvolverem uma linha de investigação – competência informacional – que também incorpora ideias críticas freirianas.

No campo da Gestão da Informação, na opinião de Melo e Presser e Santos (2013), emerge a cultura organizacional, estudo dos fenômenos informacionais em níveis individual e coletivo nas organizações por meio da identificação e análise da cultura que os permeiam. A cultura informacional relaciona-se tanto com a construção quanto com a socialização, o compartilhamento e a utilização de dados, informações e conhecimentos na esfera corporativa, na concepção de Woida e Valentim (2006).

No que concerne à Economia Política da Informação, observam-se inúmeras contribuições teóricas proveniente da sociedade em rede, tão decantada por Castells (2000). Pesquisadores, como Burke (2012) e Freitas (2012), adotaram certa arqueologia da ideia de sociedade da informação para demonstrar como a humanidade vem implantando diferentes formas de coletar, analisar, disseminar e fazer uso da informação. Complementarmente às pesquisas ora citadas, surge, ainda, a ética intercultural da informação. Para Capurro (2010), floresce em torno do questionamento basilar: informação, para quem?, originando-se com a

criação do *International Center for Information Ethics*, da Universidade de Stuttgart, na Alemanha, do qual o autor é fundador e diretor. Questões relacionadas à Economia Política da Informação também são pesquisadas com base em conceitos de Regime de Informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012), de capital social e violência simbólica de Bourdieu e também pela ótica marxista quanto à análise dos modos de produção (ARAÚJO, 2018).

No campo dos Estudos Métricos, observam-se tendências inclinadas às pesquisas de citação e dimensão sociocultural (SILVEIRA; CAREGNATO, 2018); altimetria; e indicadores de interação social (GOUVEIA, 2016). Indo adiante, no campo de Memória, Patrimônio e Documento, teorias contemporâneas, como a neodocumentação configura-se, na opinião de Araújo (2018), como mera reinvenção do termo informação x humanidades digitais, ou seja, uma junção entre tecnologias digitais e humanidades, buscando conciliar métodos das ciências humanas e sociais com características e potencialidades do mundo digital.

Portanto, diante da gama de teorias ora apresentadas sucintamente, é indiscutível que a CI vem buscando se consolidar em torno de interfaces sociais na pretensão de validar o paradigma social, o que exige olhar mais atento frente à complexidade dos fenômenos informacionais, bem como às nuances das TIC, as quais carecem de novos paradigmas teóricos e explicativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à análise das formas investigativas da área da Ciência da Informação em meio aos desafios contemporâneos decorrentes da sociedade em rede, é evidente que as ciências humanas e sociais carregam particularidades. Dentre estas, ênfase para a coexistência com múltiplos modelos teóricos, haja vista que nenhum deles abrange a compreensão completa da realidade, dos contextos, das ações e dos comportamentos dos sujeitos.

De qualquer forma, nota-se a ascensão de estudos orientados pelo paradigma social, o qual chama maior atenção para a complexidade de fenômenos e elementos informacionais contemporâneos, os quais tentam integrar a informação à tessitura social, nos contextos socioculturais na área da CI. Diante do novo contexto histórico fortalecido, sobretudo, face à relevância gradual das TIC, as interfaces sociais da CI vêm se fortalecendo como terreno fértil capaz de discutir e analisar os caminhos que entrecruzam os fenômenos informacionais que compõem a nova sociedade. Em vista disso, faz-se necessário refletir sobre a ascensão do paradigma social na Ciência da Informação, o que significa prever e anunciar o

amadurecimento e fortalecimento de um paradigma de cunho social nos estudos da grande área em discussão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. *O que é Ciência da Informação*. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ALMEIDA JR., O. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

ALMEIDA, C. C.; FUJITA, M. S. L.; REIS, D.M. Peircean semiotics and subject indexing: contributions of speculative grammar and pure logic. *Knowledge Organization*, [S. l.], v. 40, p. 225-241, 2013. Disponível em: <http://www.isko.org/kolit.php?cl=714>. Acesso em: 30 jan. 2019.

BRISOLA, A.; ROMEIRO, N. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, [S. l.], maio 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054>. Acesso em: 30 jan. 2019

BROUGHTON, V. The need for a facted classification as the basis of all methods of information retrieval. *Aslib Proceedings*, [S. l.], v. 58, n. 1-2, p. 49-72, 2006.

BURKE, P. *Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CARDOSO, A.M. P. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1. n. 1, p. 63-79, jan./jul. 1996.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.

CAPURRO, R. Desafíos teóricos y prácticos de la ética intercultural de la información. In: FREIRE, G. H. A. (org.). *Ética da Informação: conceitos, abordagens, aplicações*. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 11-51. Disponível em: <http://www.capurro.de/paraiba.html>. Acesso em: 13 dez. 2018.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em ciência da informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CATARINO, M. E.; BAPTISTA, A. A. Folksonomias: características das etiquetas na descrição de recursos da web. *Informação & Informação*, Londrina, v. 14. n. esp., p. 46-67, 2009.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/05/pdf_fd835f54f0_0010437.pdf. Acesso em: 13 dez. 2018.

CRONIN, B. The sociological turn in Information Science. *Journal of Information Science*, v. 34, n. 4, 2008, p. 465-475.

DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. A abordagem sociológica em Ciência da Informação: um novo olhar investigativo. In: SANZ CASADO, E.; BORGES, M. *A Ciência da informação criadora de conhecimento*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

DIAS, C. C. A análise de domínio, as comunidades discursivas, a garantia da literatura e outras garantias. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.25, n.2, p. 7-17, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/95903>. Acesso em 9 jul. 2019.

FERNÁNDEZ MOLINA, J.C.; MOYA-ANEGÓN, F. Perspectivas epistemológicas “humanas” em la documentación. *Revista Española de Documentación Científica*, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 241-253, jul./set. 2002.

FREITAS, L. S. Documento e poder: uma arqueologia da escrita. *Morpheus*, [S. l.], v.8, n. 14. p. 58-73, 2012. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4830>. Acesso em: 6 dez. 2018.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de Informação: construção de um conceito. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.22, n. 3. p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em: http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_3c42553162_0000011948.pdf. Acesso em: 6 dez. 2018.

GOUVEIA, F. C. Altimetria institucional: uma análise dos trabalhos publicados na PLOS ONE pela Fundação Oswaldo Cruz. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, 2016, Salvador. *Anais...* Salvador: Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2016. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000021809/68547613857895e63c083b8144136b9d>. Acesso em: 13 dez. 2018

GUIMARÃES, J. A. Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 43, n. 1. jun. 2015. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1415>. Acesso em 8 dez. 2018.

HJORLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspectives in Information Science. *JASIS*, New York, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002.

HJORLAND, B. Theoretical development of information science: A brief history. *Journal of Information Science*, 2014.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

KURAMOTO, H. Acesso livre: um caso de soberania nacional? In: TOUNTAIN, L. (org.). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: Edufba, 2007, p. 145-161.

MACHADO, K. C.; VIANNA, W. Curadoria Digital e Ciência da Informação: correlações conceituais relevantes para apropriação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, 2016, Salvador. *Anais...* Salvador: Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2016. v. 1. p. 1-18.

MARTELETTO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 3, p. 27-46, 2010.

MELO, W. L.; PRESSER, N. H.; SANTOS, R. N. M. Cultura organizacional e Ciência da Informação: a percepção da ocorrência temática na Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000021809/68547613857895e63c083b8144136b9d>. Acesso em: 8 dez. 2018

ØROM, A. Information Science, historical changes and social aspects: a Nordic Outlook. *Journal of Documentation*, [S. l.], v. 56, n. 1. p. 12-26, 2000.

OLIVEIRA, M. *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005.

PINHEIRO, L.; LOUREIRO, J. Traçados e limites da Ciência da Informação. *Ciência da informação*, Brasília, v. 24, n. 1, jan./abr. 1995, p. 42-53.

SANTARÉM SEGUNDO, J. E.; CONEGLIAN, C.; LUCAS, E. Conceitos tecnologias da *web* semântica no contexto da colaboração acadêmico científica: um estudo da plataforma Vivo. *Transinformação*, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 297-309, 2017.

SILVEIRA, M. CAREGNATO, S. Demarcações epistemológicas dos estudos de citação: concepção sociocultural das citações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 55-70, 2018. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3125>. Acesso em 30 jan. 2019.

SOUZA, E. D. *A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar*. Belo Horizonte, 2011. 343f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 229-239, mar. 1993.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

WOIDA, L. M.; VALENTIM, M. L. P. Cultura organizacional/cultura informacional: a base do processo de inteligência competitiva organizacional. In: VALENTIM, M. L. P. (org.). *Informação, conhecimento e inteligência organizacional*. Marília: Fundepe, 2006, p. 25-44.